

## PROGRAMA DE INVESTIGAÇÃO EM PSICANÁLISE 2010

### INTRODUÇÃO

“Apertura<sup>1</sup>”, como sociedade psicanalítica, se propõe a articular e desenvolver os conceitos fundamentais da psicanálise lacaniana sob a modalidade de um **Programa de Investigação em Psicanálise** fundado a partir das seguintes premissas:

1. Entendemos que a psicanálise é uma teoria com espírito científico que se organiza a partir de certos princípios epistemológicos e que, enquanto teoria, está configurada por conceitos racionalmente argumentáveis e articulados entre si, não podendo valorar-se nenhum deles de forma autônoma.
2. Escolhemos a interrogação e a argumentação lógica como ferramentas indispensáveis para aceder ao saber específico de nossa prática. Não aceitamos argumentos dogmáticos. Tampouco aceitamos argumentos *ad-hominem* (baseados no prestígio da pessoa que os sustenta).
3. Consideramos a elaboração teórica como fundamental na produção de saber. Os conceitos com os quais operamos não provêm da realidade: são sistemas de ideias não extraídos de nenhuma experiência, senão de uma elaboração conceitual que constitui o campo do saber.
4. Consideramos que a teoria psicanalítica concebida por Jaques Lacan é diferente e, em ocasiões, de sentido oposto à proposta de Sigmund Freud. Consequentemente, tentamos preservar o caráter polêmico, novo e/ou subversivo da obra de Lacan.
5. Praticamos – em conformidade com o estilo do ensino de Lacan e por convicção própria - a “interterritorialidade” da psicanálise com outras disciplinas afins, como a matemática, a lógica, a filosofia, a física, a análise de discurso, a linguística, a antropologia, a história, entre outras.

Os participantes desta convocatória consideram este Programa de Investigação em Psicanálise, como um modo alternativo ao modelo imposto em nosso meio, no qual um mestre ensina aos alunos. Isto porque nosso proceder está sustentado nas seguintes considerações:

A) O trabalho é de um conjunto de pesquisadores - inclusive de diversas áreas, disciplinas ou investigações -, com trajetórias e interesses pessoais diferentes, que podem vincular-se em torno ao Programa. Temos como referência, propostas semelhantes que se consolidaram em diferentes campos disciplinares, como por exemplo:

1. Programa de J. Lacan:
  - O programa que se traça para nós é saber como uma linguagem formal determina o sujeito. Mas, o interesse de semelhante programa não é simples, já que supõe que um sujeito não o cumprirá se não colocar algo de sua parte. <sup>[1]</sup>

---

<sup>1</sup> Decidimos manter o termo em espanhol por formar parte do nome da instituição. Sua tradução ao português poderia dar-se pela palavra “Abertura”.

2. Programa de Erlangen
3. Círculo de Viena
4. Programa de Hilbert
5. Grupo Bourbaki

B) Ter como objetivo intercambiar ideias e conceitos, e interrogar as determinações que os mesmos operam em cada uma de nossas práticas, em um espaço de trabalho compartilhado que não implique, necessariamente, a coincidência em todos os tópicos.

C) Desenvolver ou ampliar as consequências de aceitar este núcleo de princípios básicos para ser aplicado a suas respectivas áreas, disciplinas ou pesquisas, com especial interesse em verificar como este determina a prática clínica do psicanalista.

D) Fundar novas formas de pensar e conceber questões fundamentais de nossa prática, em oposição racional e específica com outras teorias e práticas vigentes por tradição.

E) Eleger como modelo epistemológico a proposta de Imre Lakatos em *A metodologia dos programas de pesquisa científica*.

## **FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS**

Seguindo Imre Lakatos, consideramos que as teorias científicas constituem estruturas formadas por:

### **1) Núcleo central**

É uma estrutura conceitual constituída por supostos básicos - hipóteses teóricas gerais -, estabelecidos por decisão metodológica dos protagonistas, e que têm os seguintes atributos:

- a) não é falseável: não está sujeita à consideração de sua verificação experimental,
- b) é convencional,
- c) deixa estabelecidos componentes irrefutáveis,
- d) é de caráter metafísico, tanto que não se apoia em fatos fáticos.

O *núcleo central* deste Programa de Pesquisa em Psicanálise será designado como **CONCEITOS FUNDAMENTAIS**.

### **2) Cinturão protetor**

É o conjunto de hipóteses auxiliares que configuram os supostos complementários, cuja função básica é consolidar e sustentar os conceitos fundamentais do programa. Em nosso contexto, o chamaremos **CONCEITOS ARTICULADOS**.

### 3) Principais operadores epistemológicos

a) Consideramos *heurística* à capacidade de um sistema para realizar e favorecer suas inovações; esta se apresenta sob duas formas, uma positiva e outra negativa.

i. *Heurística positiva*: constitui as linhas principais do programa sobre as que se trabalha para o estabelecimento de novos desenvolvimentos. Configura os “modelos” que correspondem às perspectivas principais do programa.

ii. *Heurística negativa*: constitui a estrutura racional que opera para consolidar e sustentar os supostos básicos subjacentes ao programa no decorrer do seu desenvolvimento, partindo da premissa que indica que o núcleo central (conceitos fundamentais) é irrefutável e *a priori* e por decisão metodológica.

b) Resulta pertinente, aos fins de estabelecer a perspectiva científica que nos orienta, mencionar a diferença estabelecida por Lakatos entre uma pseudociência e uma ciência como tal:

i. *Pseudociência*: se caracteriza por uma heurística regressiva, enquanto apenas evolui tentando se justificar “para trás”. Tende a consolidar-se como dogma e, por isso, aumenta o número de hipóteses auxiliares para fazer oposição às objeções que se lhe formem. Os principais exemplos propostos por Lakatos são o marxismo e o freudismo.

ii. *Ciência*: deve realizar-se numa heurística progressiva, descobrir fenômenos novos, que serão inesperados e surpreendentes. Em nosso caso, os avanços serão teóricos e, somente em consequência, clínicos.

c) Considera-se que não é possível dirimir conjecturas especulativas teóricas – enquanto *universais* – a partir de refutações empíricas – enquanto *particulares* –. No que diz respeito às teorias, não há refutação empírica possível: somente há teorias que os praticantes consideram melhores.

### 4) Referências bibliográficas

Para a composição e elaboração epistêmica do programa temos considerado as referências epistemológicas dos seguintes textos:

- A metodologia dos programas de pesquisa científica, Imre Lakatos
- O que é ciência **afinal?**, Alan Chalmers
- *La ciencia y cómo se elabora*, Alan Chalmers
- *Gödel. Paradoja y vida*, Rebecca Goldstein

Para o estudo dos problemas epistemológicos, foram utilizados, além do já citado Imre Lakatos, os seguintes autores:

- Bachelard, Gaston
- Bunge, Mario
- Feyerabend, Paul K.
- Kuhn, Thomas S.
- Klimovsky, Gregorio
- Koyré, Alexandre
- Meyerson, Émile
- Popper, Karl R.

### **PROGRAMA DE PESQUISA EM PSICANÁLISE**

A proposta deste programa tem como objetivo contribuir com o desenvolvimento dos argumentos da “psicanálise por vir” que propomos, assim como permitir superar os impasses da atual tendência pós-lacanianiana.


### **CONCEITOS FUNDAMENTAIS**

A seguir, se apresentam os supostos básicos (hipóteses teóricas gerais) que temos estabelecido (por decisão arbitrária e metodológica) como núcleo conceitual fundamental deste Programa de Investigação (P.I.).

No seguinte esquema, figuram, na primeira coluna, o diagnóstico cultural e “de época” das causas do sofrimento com o qual deve operar a psicanálise. Na segunda coluna, o que estabelecemos como a corrente da posição hegemônica dos psicanalistas pós-lacanianos e na terceira e quarta colunas, nossa posição e sua álgebra.

<b>Diagnóstico das tendências que operam como causas do sofrimento que enfrenta a psicanálise:</b>	<b>Posicionamento do lacanismo (igual orientação que a tendência causal diagnosticada):</b>	<b>Posição de A.P.O.La. (contrária às duas anteriores):</b>	<b>Álgebra articulada:</b>	<b>Topologia associada:</b>	<b>Prática do analista:</b>
→	→	←			

1	<p><b>Individualismo:</b> (extrema acentuação da concepção do <i>sujeito</i> como indivíduo isolado)</p>	<p>Afirma que não há Outro, não há laço, somente há Um (entendem a sociedade como 1+1+1+...)</p>	<p>Consideramos sempre o <i>sujeito</i> em inmixão com o campo do Outro, em laço social e em função de <i>Ça parle e Ça pense</i> (Isso fala e Isso pensa). A própria mensagem se recebe em forma invertida desde o Outro/outro</p>	<p>Otro y <math>\mathcal{X}</math></p>	<p>2 toros entrelaçados</p>	<p>Clínica em transferência: o sujeito não é nem o analisante nem o analista</p>
2	<p><b>Biologização:</b> (é o corpo biológico e seus fenômenos o que funciona como o mais autêntico de cada um)</p>	<p>Acredita que a pulsão e o gozo se caracterizam pela substância viva do corpo biológico do indivíduo</p>	<p>Fundamos a clínica psicoanalítica em torno ao <i>béance</i> (fenda) do inconsciente estruturado como uma linguagem onde existe o <i>parlêtre</i>, o que estabelece uma espacialidade com dimensões do dito</p>	<p><math>\mathcal{S}</math></p>	<p>Fita de Moebius</p>	<p>Em psicanálise se trata do Saber e da Verdade (sempre meio ditos)</p>
3	<p><b>Nilismo:</b> (não existem verdadeiramente e valores ou sentidos transcendentais além das satisfações)</p>	<p>Orienta a prática em direção ao sem sentido, entendido como que nada possui um valor além do imediatamente</p>	<p>Postulamos à criação <i>ex-nihilo</i> do objeto <i>a</i> como aquilo que a cura contorna e que é seu fim</p>	<p>Objeto <i>a</i></p>	<p>Cross-cap</p>	<p>Há ato possível que subverte o estado de coisas</p>

	corporais individuais)	satisfatório ou mortífero.	específico, que inscreve a dimensão do valor particular (não singular) em cada caso			
4	<b>Tempo presente:</b> (o tempo é considerado linear e se valoriza ao máximo a experiência vivencial presente e imediata)	Supõe que o acontecimento atual do corpo biológico é o tempo autêntico	Sustentamos o "futuro anterior" e o tempo circular como a verdadeira temporalidade e do inconsciente e da prática do analista		Buraco bidimensional	Coloca-se em dúvida todo tempo presente
5	<b>Materialismo Ingênuo (epistemologia):</b>  (o real é a substância tridimensional visível e tangível)	Conjetura-se que sempre está primeiro a experiência da substância e depois se pensa nela. Assim: 1º a vivência, 2º a representação e 3º o inefável (o que da vivência não passa à representação).	Lalíngua, o Outro e o \$ sempre já estão aí, antes de todo fenômeno do sujeito; rejeitamos o ser da ontologia (o ser é e o não ser não é). Sustentamos o materialismo signifiante, a insubstância, a contra natureza e a antifilosofia	S <sub>1</sub> S <sub>2</sub>	Garrafa de Klein	Posição ética: o psicanalista não sabe e em especial não sabe por sua experiência
6	<b>Energia:</b>  (é o que investe a substância e faz com que se	Formula que a pulsão de morte, a libido e o gozo se originam na substância viva.	Substituímos a energia biológica pelo valor e o	$jA \text{ y } J\varphi$	Corte	A pulsão é o eco no corpo do fato que há um dizer

mova até ou contra outra substância)		entendemos numa economia política, na qual os valores se estabelecem em função da linguagem, da história, do social e de língua. A energia surge da articulação significativa e do laço discursivo		que o afeta
--------------------------------------	--	--	--	-------------

Propomos que Sigmund Freud criou um novo tipo de laço social, a psicanálise, com o dispositivo correspondente que permitiu operar com o sofrimento ocidental moderno causado por: I+ II+ III+ IV, mas que sua teoria requer uma nova operatória para coincidir com sua criação, e esta é realizada por J. Lacan.

Perante o diagnóstico que realizamos do atual pós-lacanismo, onde se tende a considerar a psicanálise como uma ilusão, opomos um posicionamento apriorístico que sustenta que há ato analítico capaz de operar sobre o sofrimento e que possui a potência de criar um sujeito novo.

### CONCEITOS ARTICULADOS

Como antecipamos, os conceitos articulados correspondem à seção do Programa de pesquisa em psicanálise na qual se formula o conjunto de hipóteses auxiliares que configuram os supostos complementários dos conceitos fundamentais.

Organizam-se em torno dos seguintes eixos:

- a) Do Outro-A (%)
- b) Do Sujeito (§)
- c) D objeto *a* e do desejo.
- d) Do significante, a cadeia, o inconsciente e a fenda.

- e) Do corpo, as pulsões e o gozo.
- f) Da psicanálise.
- g) Das diferenças entre Freud e Lacan.
- h) Das diferenças entre nossa leitura de Lacan e os pós-lacanianos.

#### **a) Do Outro-A (%)**

Em função da noção de estrutura com a qual trabalhamos, a subjetividade somente pode ser pensada a partir da existência do Outro. Dito de outra maneira: não há sujeito sem Outro, nem por fora de uma relação de inmixão com o campo do Outro/A;

1. Distinguímos entre Outro e A: há diferença entre o Outro histórico e o lugar do Outro, indicado como A, segundo a escrita da álgebra lacaniana.
2. Distinguímos o pai (enquanto progenitor) do Nome-do-Pai (que não deve ser equiparado a uma pessoa). Também distinguímos a mãe biológica da Mãe (enquanto encarnadura do A). No final da análise, a função do Outro (A) fica estabelecida como (%) devido à estrutura do significante.
3. A lógica da constituição do sujeito se lê em duas operações: alienação e separação.
  - Entendemos a alienação como o efeito mortífero da dupla significante. Os efeitos da alienação se dão por causa da linguagem. Não confundimos alienação com simbiose, ainda menos com fundir-se ou confundir-se com o Outro. Sua legalidade é a da reunião da teoria de conjuntos.
  - Entendemos separação como o resgate (do efeito mortífero do significante) pela via do desejo do Outro, formalizado como:  $d(A)$ . Não confundimos separação com a ideia de separar-se do Outro, nem autonomizar-se do Outro ou alcançar a independência.
  - Sua legalidade é a da intersecção da teoria de conjuntos.
4. O Nome-do-Pai é o conceito que serve para conceber a articulação da lei com o desejo, e não aquilo que os opõe.

#### **b) Do Sujeito (\$)**

1. “Sujeito” é o tema, assunto ou matéria, legível entre duas instâncias enunciativas. Nesta lógica, o sujeito do inconsciente é uma criação entre analisante e analista; que se considera animada por um desejo interpretável.

Uma vez especificada a lógica que sustenta que não há sujeito sem Outro/A, é possível definir a noção de sujeito com a qual opera uma psicanálise lacaniana, distinguindo-a de qualquer assimilação com: pessoa (social), indivíduo (biológico), cidadão (político) ou qualquer entidade que se localize enquanto unidade em si mesma.

Lacan formaliza o sujeito em nossa época e cultura como sujeito dividido entre saber e verdade, equiparado ao corte pela linha média de uma fita de Moebius.



1. É nesse sentido que entendemos que não há relação intersubjetiva: sujeito implica uma relação - “pelo menos dois”- sem que por isso haja dois sujeitos; assim como tampouco há diálogo.
2. O modelo topológico que fundamenta a estrutura do vínculo/laço entre  $\$$  e  $\%$  é dois toros interpenetrados.
3. A partir desta conceitualização do sujeito, a responsabilidade subjetiva fica questionada como conceito psicanalítico, na medida em que implica uma contradição com a ideia de um sujeito não individual. Não deixamos de estar advertidos de que na clínica psicanalítica das neuroses de transferência é fundamental um trabalho sobre os sentimentos inconscientes de culpa, ainda que discordemos com a via do pós-lacanismo, que segue uma responsabilização que necessariamente torna-se culpabilizante.
4. Propomos a noção de um *sujeito local*: consideramos que a noção de sujeito como o que um significante representa para outro significante, somente opera na prática analítica, pelo ato de elevar a significantes alguns termos do texto ou material da sessão analítica, entendida como a intertextualidade entre analisante e analista.

### c) Do objeto *a* e do desejo

1. Existe luto pela perda do objeto verdadeiro.
2. Existe ato verdadeiro enquanto o objeto não é metonímico.
3. O desejo não é metonímico. Advém quando, por um ato de interpretação, a cadeia significante se fecha em forma de laço (bucle) criando um buraco que permite interpretar o objeto *a* na sua condição particular e em relação ao Outro.
4. A repetição em psicanálise será considerada como repetição da falha das duas gerações anteriores decorrente da articulação entre desejo e lei; por isso não deve confundir-se com o encontro impossível da satisfação do objeto.
5. O sujeito e o objeto *a* são bidimensionais.
6. O objeto *a* é a realização (advento) do sujeito.

### d) Do significante, a cadeia, o inconsciente e a fenda (*béance*)<sup>[2]</sup>

1. A cadeia significante possui a estrutura de um laço/anel (curva fechada de Jordan) que habilita a leitura do material como “anéis de um colar”.
2. O inconsciente está estruturado como uma linguagem.
3. O inconsciente não dirige a cura. É o analista quem tem a responsabilidade de fazê-lo.
4. Em psicanálise partimos do *a priori* de que no princípio foi o verbo, o que indica um fato de discurso e não a morte ou a ação. Isto rechaça a ideia pós-lacaniana de um corpo biológico como substrato preexistente a um sujeito (indivíduo) como ser epifenômeno.
5. O antecedente lógico de todo sujeito é a existência do A - tesouro, bateria de significante e saber, e sua lógica - e do Outro - encarnado em alguém e articulado, ao menos, em três gerações.
6. Sustentamos uma posição criacionista - criação *ex nihilo* – e rejeitamos o evolucionismo em psicanálise.

7. Não consideramos a holófrase como solidificação dos significantes, mas como a perda da função de laço/bucle fechado em " e ©.

#### e) Das pulsões, o corpo e o gozo<sup>31</sup>

1. O real para a psicanálise não é o corpo biológico (tridimensional) senão o impossível. Consequentemente, as ciências que melhor orientam a psicanálise para abordar a noção do real não são a biologia ou a física clássica, mas a lógica.
2. Consideramos a pulsão como o eco no corpo do fato de que há um dizer.
3. Propomos o termo *gozo* no lugar da tradução (em espanhol) equívoca de “*goce*”, por ser, esta última, substancialista.
4. Reafirmamos que, segundo Jacques Lacan, gozo não é a satisfação da pulsão senão a manifestação da lei do não-todo do significante aplicada ao significante mesmo; cuja fundamentação encontramos na demonstração da incompletude dos sistemas formais (Teorema de Gödel). Lacan o articula: *JA* - gozo do Outro - e *J* - gozo fálico -, impossíveis de formular no sistema freudiano de satisfação-insatisfação e no corpo biológico tridimensional.
5. Rejeitamos fundamentar a psicanálise como uma energética. Apoiamos-nos na noção de uma economia política para a consideração das forças que operam no campo do sujeito e do Outro-A.
6. Entendemos que não há relação sexual devido à falta de um terceiro termo que permita escrever a relação como uma proporção lógica. Trata-se de um problema lógico-formal, tal como se manifesta na clínica psicanalítica e não uma questão do acoplamento satisfatório ou não dos corpos sexuados.

#### f) Da psicanálise

1. A psicanálise não coincide com uma fenomenologia nem com o sentido comum. Por estas razões, requer da formalização matematizada, do matema e da topologia. Por sua vez, como sua conceitualização não forma parte do sentido comum, implica sempre surpresa.
2. A resistência à psicanálise é do analista.
3. O ato do analista é de palavra – interpretação - não de silêncio, exceto que o silêncio seja o melhor que se possa dizer em determinada circunstância.
4. O corte em psicanálise coincide com a cura do sintoma e da neurose, não com a interrupção precipitada da sessão.
5. Hierarquizamos o uso das superfícies topológicas enquanto modelos superadores de algumas elaborações, conceitos e noções que consideramos fundamentos em psicanálise:
  - O laço analisante-analista se concebe mediante a garrafa de Klein.
  - A realidade em psicanálise se diagnostica com a estrutura do *cross-cap*.
  - Simbólico, imaginário e real, em psicanálise, somente existem entrelaçados, interpenetrados em forma borromea.
  - Desejo, demanda e objeto *a* se escrevem sobre as superfícies de dois toros interpenetrados.
6. O inconsciente é formulado como uma fita de Moebius, o que resolve o problema da dupla inscrição.

7. Concebemos a fantasia segundo a estruturação de uma fórmula lógica que funciona como marco da realidade – enquanto impossível - articulando certo *fading* do sujeito perante o “desejo de” e com certa condição de objeto *a* que advém no campo do Outro-A. Desde esta perspectiva, não se pode entender como o “cristal com que se olha o mundo”, ideia que corresponderia à noção de fantasia inconsciente na teoria de Melanie Klein.
8. A prática do dispositivo analítico se vincula a um trabalho lógico de interpretação de um texto devidamente formalizado.
9. As sessões não devem ser curtas, senão durar o que a interpretação do material indique e em função do estilo do analista e do sofrimento em jogo.
10. Consideramos (na linha que propõe M. Foucault) que a honra política da psicanálise é a de ser uma resposta subversiva frente à biopolítica.<sup>[4]</sup>
11. O sujeito do inconsciente entendido como o que um significante representa perante outro significante, no seio da relação psicanalista/psicanalisante, somente é praticável à condição de converter, em significante e letra, somente alguns termos do texto (sujeito local).
12. Somente se pode estabelecer se houve analista no processo de uma análise, e como consequência da cura da neurose de transferência.
13. “Não responder à demanda” não significa destrato aos analisantes, senão habilitar o além da demanda, que é o campo do desejo.
14. No que diz respeito à psicanálise com crianças, sustentamos que o sujeito nessa prática não tem idade nem lhe falta desenvolvimento. A ideia de um sujeito-criança contradiz a definição de sujeito que sustentamos.

#### **g) Das diferenças entre Freud e Lacan**

1. As teorias de Freud e de Lacan são diferenciáveis, como também o são as direções do tratamento que decorrem delas. Em termos sintéticos, entendemos que para Freud se trata de um rodeio da satisfação pulsional orgânica com respeito à realidade; enquanto que para Lacan se trata de um ato criador e realizador do sujeito.
2. Conceitos diferenciados:
  - Vorstellung* ≠ significante.
  - Complexo de Édipo (3 elementos) ≠ metáfora paterna (4 elementos).
  - Pai (o progenitor) ≠ Nome-do-Pai (ninguém).
  - Eu – supereu – isso ≠ Simbólico, imaginário, real.
  - Na origem, a morte ≠ Na origem, o verbo.
  - Inconsciente como repressão de representações ≠ inconsciente como discurso do Outro.
  - Pulsão como exigência de trabalho do corpo biológico sobre o psíquico ≠ pulsão como eco no corpo do fato que há um dizer.

#### **h) Das diferenças entre Lacan e os pós-lacanianos**

1. Não concordamos com o critério “evolucionista” na psicanálise que estabelece um progresso no ensino de Lacan, sancionando um “último Lacan” como mais verdadeiro, mais real e mais lacaniano.

2. Consideramos a noção de estrutura, a formalização matematizada, o matema e a topologia como fundamentais para o campo da psicanálise e impossíveis de eliminar de suas concepções.
3. Real: carne biológica  $\neq$  impossível lógico.
4. Ato: fazer algo na cena da realidade  $\neq$  corte significante que cria um novo sujeito (tema, assunto ou matéria entre as instâncias enunciativas).

**Traduzido por: Martín Mezza e Rosana Velloso.**

---

[1] Lacan, J. (2008). El seminario sobre “La carta robada”. En *Escritos I*. Buenos Aires: siglo veintiuno. p. 52.

[2] Gárate I. y Marinas J. M. (2003). *Lacan en español – Breviario de lectura*. Madrid: Biblioteca Nueva.

[3] Gárate I. y Marinas J. M. Op. cit.

[4] Foucault, M. (1999). *Historia de la sexualidad*. 1- La voluntad de saber. Cap. V. México: Siglo Veintiuno.